

10-2005

## Ecos do Passado - «Laudator Temporis Acti»

José Maria de Sousa

Follow this and additional works at: <https://dsc.duq.edu/missao-espirtana>

---

### Recommended Citation

de Sousa, J. M. (2005). Ecos do Passado - «Laudator Temporis Acti». *Missão Espiritana*, 8 (8). Retrieved from <https://dsc.duq.edu/missao-espirtana/vol8/iss8/9>

This Article is brought to you for free and open access by Duquesne Scholarship Collection. It has been accepted for inclusion in Missão Espiritana by an authorized editor of Duquesne Scholarship Collection.

## Ecoss do Passado «Laudator Temporis Acti»<sup>1</sup>

*O retrato que concebi de Libermann, a partir de conferências e que em mim perdurou durante todo o tempo de seminário, foi «mutatis mutandis» o seguinte: Judeu destinado a ser rabino.*

*Da leitura dos documentos concebi o seu perfil espiritual e humano não apenas na direcção do sofrimento e passivismo espirituais mas o homem que associa perfeitamente em si duas dimensões!*

*Libermann nasceu para mim como o homem de santidade bifacetada: passiva e activa, o que só nos grandes santos se encontra. O homem que conhece não apenas a generalidade mas as vias espirituais da alma humana.*

Estimados Confrades Libermanianos.

Há muito inscrito no rol dos passados até mesmo dos ultra, hoje ultrapasso 85, recordar o passado assenta-me bem porque a língua da cultura Europeia pela boca de Horácio define o velho «laudator temporis acti»!

O passado só existe para mim se as minhas recordações o tornarem presente, disse Agostinho, o mais sábio dos santos.

Para esta celebração não vou copiar dos livros da biblioteca as datas e factos que todos já muitas vezes leram e ouviram centenas de vezes sobre Libermann, vou evocar apenas o modo da celebração deste dia no passado, vai ser antes uma rapsódia de palavras em vez das rapsódias musicais que outrora faziam parte desta celebração.

\* Missionário espiritano de 85 anos de idade entregues ao serviço da Missão em Portugal, Cabo Verde, Estados Unidos e Angola.

<sup>1</sup> Horácio.

Ao reunirmo-nos para celebrar Libermann associamo-nos aos confrades dos 60 países onde a árvore frondosa que ele plantou lançou raízes e de que temos aqui amostra nas 8 nacionalidades presentes. Neste dia, senão a esta hora, de um modo ou de outro, numa língua ou dialecto, numa cultura ou subcultura os espiritanos são um só Coração e uma só Alma celebrando não por cerimónia mas por culto de amor aquele a quem ao anunciar a sua morte no dia 2 de Fevereiro de 1852 Schwindenammer chamou o NOSSO QUERIDO PAI:

Evoquemos pois o modo de celebração nos dias em que era menino e moço, «oh tempora oh mores!»

Era assim o currículo de estudos nesses tempos ultrapassados:

2 anos em Godim, os primeiros;

5 em Braga, estudos secundários;

5 em Viana.

O Noviciado era também em Braga, no Espadanido onde está agora o lar dos idosos.

O meu curso inaugurou este edifício onde estamos, o chamado Pavilhão Sul, cuja construção de cal e cimento é ainda actual, feita pelo Ir Marcelino pelo custo de 63 contos, tanto quanto custa hoje um computador não dos do Windows Vista de Bill Gates mas dos vendidos na feira da ladra no Porto!

Conservo muito poucas recordações dos primeiros anos quer de Godim quer de Braga, já explico porquê: era o mais novo dos 66 que entraram comigo em Godim e Maria vai com as outras: comer, dormir, sobretudo brincar era todo o meu ideal; logo que os superiores viravam costas logo recomeçava a brincadeira na sala de estudo. Por falta de atenção ao que se passava, não me lembro de nada relativamente à Congregação e celebração dos fundadores durante os primeiros 4 anos de seminário!

Até que um dia surge um episódio insignificante: Numa conferência, por meados do meu quarto ano, alguém de passagem pronunciou esta frase: «um bom seminarista tanto é na ausência como na presença!»

Teria ouvido dúzias de vezes dizer o mesmo, mas andava noutra esfera, só nesse dia ouvi, recordo a carteira e fila que ocupava na sala daquele lado: fila 5, cateira 1! Prometi a mim mesmo daí em diante cumprir o regulamento na ausência como na presença dos directores.

O Sousa que raro o dia não ia comer a sopa de joelhos no refeitório, em frente à mesa dos Senhores Padres (tal era o castigo predefinido a quem infringia o regulamento), passou a

não falar na sala de estudo e a não aparecer de joelhos com o prato na mão no refeitório, o que deveras intrigava os colegas suspeitando qualquer desgosto sentimental...! Desde esse dia o Sousa cumpriu à risca sem falta voluntária o regulamento em todos os seus capítulos, o silêncio inclusive, até ao dia da Consagração ao Apostolado.

Os anos de brincadeira não puseram em causa porém a sua vocação a esta Sociedade Religiosa do Espírito Santo sob a protecção especial do Coração Imaculado de Maria, sempre se sentiu nela como o peixe na água, o que o convenceu de uma vez para sempre ter sido Deus através dos seus instrumentos que o trouxera aqui sem mérito algum da sua parte.

É a partir do dia em que resolveu seguir à risca o regulamento que datam as recordações.

Fraião entre os anos (36-40).

Não havia televisão, não havia rádio, lembro-me de chegar o primeiro rádio à comunidade, já eu estava no 5º ano, mas não era para os seminaristas; só muito raramente os Senhores Padres elevavam o som do aparelho para podermos ouvir alguma notícia importante no recreio abaixo da janela da sala de comunidade dos Superiores.

O regulamento desse tempo vem escrito na História da Província recentemente editada, da autoria do Rev. P. Torres Neiva.

Desde o levantar às 4, 45 até ao deitar às 9h da noite o tempo era repartido pelas aulas, estudo, exercícios de piedade, refeições, sono, recreio, passeios às 5<sup>as</sup> e domingos sempre a andar.

Não havia outro carro que o dos bois e uma carroça puxada por um jumento com que um criado ia fazer as compras e buscar o correio.

Poullart des Places e Libermann até esta data não existiram para mim; certamente ouvi falar deles mas nada deles guardou a memória desatenta.

Quando acordei daquele sono infantil e comecei a prestar atenção ao que se dizia aprendi alguma coisa mas nunca li qualquer biografia quer dum quer doutro.

No Noviciado (fins de 38) o Rev. P. Finck deu-nos um pequeno curso de História da Congregação, foi tudo o que fiquei a saber sobre a Congregação até ao fim do Escolasticado e mesmo bastante tempo depois.

O grande escolasticado em Viana ocorreu em período de guerra (39-45).

A rádio já era já habitual, aos domingos e quintas havia jornais e revistas à disposição bem como a biblioteca aberta para quem quisesse ler outros livros além dos manuais.

Como os superiores viam que era um tanto alérgico aos livros davam-me sempre os trabalhos mais «time consuming»: chefe dos trabalhos, arranjo da capela, ensaios de cerimónias «et his similia...!»

Parecerá estranho mas além dos manuais, nunca li um livro, revista ou jornal durante os anos do grande Escolasticado...!

Eis porque o conhecimento dos nossos fundadores bem como o de que não pertencia ao currículo escolar, durante o tempo da formação foi muito restrito, meramente ocasional; nos anos imediatamente a seguir ao Escolasticado tudo continuou na mesma devido ao muito trabalho e pouca literatura existente nas bibliotecas desse tempo.

Mas então como se celebrava este dia entre os anos (36-40)?

Havia a bênção das velas, a missa da Apresentação no Templo e Purificação de Nossa Senhora com os paramentos dourados herança do antigo Colégio do Espírito Santo, fusão recreativa entre todos os grupos das diferentes obras da casa: os menores, médios, grandes, irmãos, noviços vindos do Espadanido e professores.

Almoço de festa com vinho fino e café.

De tarde, havia a tradicional conferência.

Os oradores apresentavam a faceta de Libermann que mais os sensibilizara ou lhes parecia mais conveniente para a nossa formação, vindo sempre infalivelmente ao seu testamento espiritual e morte durante o canto do Magnificat.

O retrato que concebi de Libermann a partir dessas conferências e que em mim perdurou durante todo o tempo de seminário era «mutatis mutandis» o seguinte:

Judeu destinado a ser rabino.

Convertido ao catolicismo por influência de um irmão.  
Amaldiçoado pelo pai.

Entrado no seminário frequentava os grupos de piedade.

Os espíritos fortes dos grupos das humanidades olhavam-no com antipatia.

Epiléptico, sem esperanças de ascender ao sacerdócio, continuando no seminário por favor e piedade dos superiores.

Adere a um projecto de fundador.

Vai a Roma sem qualquer recomendação.

Simples acólito, andrajoso...!

Nada lhe concedem antes de ser ordenado Padre.

Procura um bispo que o ordena.

Funda com 2 crioulos a Sociedade do «Très Saint Coeur de Marie» por inspiração de M Desgenettes prior de Notre Dames des Victoires, mas «la terre nous manque» escreverá ele ao mesmo M Desgenettes, pois existia outra sociedade com a mesma finalidade, a Congregação do Espírito Santo, a única que tinha o direito de evangelizar as colónias francesas.

Então, depois de várias tentativas cessa a sua Sociedade e todos os seus entram na legalizada Congregação do Espírito Santo...!

A entrada em África soma fracassos seguidos.

Morre esgotado e desgostoso...!

Um santo pelo sofrimento...!

O retrato que tinha de Libermann, como é visível era francamente negativo.

O seu aniversário, não obstante ser dia de festa dava-me uma impressão de tristeza como se se tratasse da comemoração de um Fiel Defunto: morte dolorosa, testamento espiritual carregado das dores da agonia.

À conferência seguia-se a parte recreativa.

O coral desse tempo era maravilhoso, executando a 4 vozes as célebres rapsódias que ainda hoje existem mas sepultadas nos papéis. Foram criadas no meu tempo de Godim pelo director, o Rev. P Mário Silva.

Eram número habitual nas sessões, executadas com grande mestria.

Havia recitação de poesias, de monólogos fabricados «ad hoc», pequenas encenações e uma peça de teatro clássica como Frei Luís de Sousa, Auto da Alma, Barca do Inferno de Gil Vicente, peças de alto calibre literário.

Havia encenações vivas, vou reproduzir uma em que fui protagonista, por isso me lembro bem.

A chegada de Bessieux ao Noviciado de La Neuville.

Eu representava Bessieux.

Só para lembrar, Bessieux viria a ser o mais importante de todos os missionários enviados por Libermann à Africa, o Cavouqueiro das missões espiritanas em Africa, enquanto ao seu lado todos morriam ele o homem de ferro resistia a tudo e a todos.

O Noviciado de La Neuville em Setembro de 1841 era constituída por 12 membros.

Libermann, Superior e Mestre dos Noviços;

Vavasseur, submestre.

Noviços:

Collin;

François Bouchet;

Jean Louis Roussel;

Audebert;

Leopold de Regnier;

Charles Blampin;

Dosithée Contoz;

Saint Albin;

Jean Boisdron é um criado que se intitulava a si mesmo de Frère e o povo do exterior o apelidava de Triste (queria dizer pobre de espírito).

Bessieux era já de 40 anos, tendo antes sido professor e pároco de uma rica paróquia na cidade de Montpellier.

No palco, simulando a sala de estudos estava a comunidade reunida à volta de uma mesa escrevendo, servindo-se todos do mesmo tinteiro, o Superior inclusive.

Ouve-se fora do palco um barulho de charrete da qual se apeia um clérigo trajando batina preta e gola branca, conforme o costume eclesiástico daquele tempo; bate à porta, abre-se, entra na sala onde estavam todos reunidos à volta da mesa.

Cumprimenta o Superior, saúda a todos que se levantam também para o saudar.

O recém-chegado depois da saudação entrega as coisas que trazia ao Superior e diz: trago também algum dinheiro.

Oh! vem mesmo a propósito meu amigo, diz o Superior, pois até esta hora não tínhamos absolutamente nada com que comprar o necessário para a refeição.

Frère Triste, vai depressa, toma este dinheiro para o pão e a carne compra o necessário para uma refeição festiva, toma ainda este para os pobres.

Bessieux sai do palco, vai conhecer o quarto e os lugares da casa como capela e outros lugares comuns, guiado por Vavasseur.

Todos se sentam de novo e continuam a escrever à volta da mesa, Libermann inclusive.

Quando tal, fora do palco, ouve-se um pato a bater fortemente as asas e crocitar enquanto se ouvem estas palavras: eu seguro o bicho, arranca a pena, não tenhas dó, anda...!

Vavasseur estava a ensinar a Bessieux onde ficava o depósito das canetas, era nas asas do pato!

Logo de seguida entra Bessieux na sala, senta-se à mesa

no lugar que já lhe estava preparado e vai molhar também a sua caneta tirada da asa do pato no tinteiro comum, tal como via os outros fazerem.

Não acontece que por falta de hábito e um certo nervosismo natural a quem enfrenta pela primeira vez uma situação desusada, entorna o tinteiro todo e logo por cima do Superior...!

Arrepende-se de ter mandado a charrete embora, pensa que vai ser imediatamente despedido...!

Libermann levanta-se, em vez de o repreender, sorri, acalma-o e diz: não se aflija Mr. Bessieux, é melhor ficarmos sem a tinta do tinteiro que sem jantar; vamos para o refeitório já está a refeição preparada com o dinheiro que trouxe para a comunidade, festejemos com toda a alegria a vinda do nosso novo confrade que a Divina Providência nos enviou na hora certa, aliás hoje teria sido dia de jejum para todos. E desce o pano...!

Saltemos agora 15 anos para a frente (1951).

Tinham decorrido apenas 7 anos após a consagração ao Apostolado, fui encarregado da formação dos Irmãos. Achei oportuno fazer a recollecção embora o habitual fosse após 10 anos de apostolado.

A recollecção nessa data não era anual nem sabática, apenas 3 meses em França e bem activa, para bem nos reciclarmos sobre a Congregação. Dediquei os 3 meses por inteiro à reciclagem da história da Congregação; Notes et Documents vinham a ser publicados, acabava de sair o 11 Volume.

Olhei então Libermann não segundo os esquemas magros que possuía mas em todas as direcções que os Notes et Documents descrevem; medi-o de alto a baixo em todos os quadrantes; saí dessa análise com o seu perfil totalmente alterado, não mais a fisionomia de um vencido da vida mas do homem forte que deita muros abaixo só com a sua perseverança diante deles.

O retrato que até então eu tinha de Libermann era uma caricatura, um conhecimento feito de retalhos mal ajustados, «patches» dizem os Ingleses, um conhecimento muito lacunar. Perante a extensão dos documentos concebi o seu perfil espiritual e humano não apenas na direcção do sofrimento e passivismo espirituais mas o homem que associa perfeitamente em si as duas dimensões!

«Defuntus adhuc loquitur», agora Libermann ressuscitou, nasceu para mim como o homem de santidade bifacetada: passiva e activa, o que só nos grandes santos se encontra, como explica Francisco de Sales à sua filoteia.

Libermann não suprimiu a sua pobre em recursos fi-



nanceiros pela rica em meios materiais Congregação do Espírito Santo, levou consigo o espírito eclesial que transformou o Chauvinismo na universalidade da Igreja.

O actual Reitor da Universidade Lusófona que P Santos Neves bem conhece e há dias me ofereceu um dos seus livros, foi o primeiro a chamar-me a atenção para a vastidão e profundidade dos conhecimentos psicológicos de Libermann. Ele escolheu para tese de doutoramento em Psicologia: Libermann eminente Psicólogo do Século XVIII. Ofereceu-me um exemplar!

Classifica Libermann por um termo da sua autoria que eu ouse plagiar para definir Libermann. O termo quer dizer o homem que conhece não apenas a generalidade mas as vias espirituais da alma humana, só há almas singulares.

Esse termo ajusta-se também ao retrato que faço de Libermann: o homem «omnitotidimensional».

Já lá vão 55 anos após ter repostado a verdadeira imagem do Venerável Padre.

Pelo facto mesmo, também Poullart des Places mas no meu conceito não obstante a simpatia que tenho pelo nosso Primeiro Fundador, comparo-o a um menino perante o adulto, maduro, omnitotidimensional Libermann.

Les Documents não nos oferecem somente o perfil de Libermann mas também da sua Obra, este é também o processo para bem conhecer alguém, pois pelos frutos se conhece a árvore.

As diversas biografias por mais abrangentes que o queiram ser são sempre lacunares.

Há boas biografias, tratados e cartas espirituais que dele se vão publicando.

Em Inglês: The Spiritans, publicada nos USA.

Em Francês: Le V P F M Libermann de Maurice Briault.

Em Português Os Caminhos do Espírito de Agostinho Tavares.

Libermann de Amadeu Martins.

O meu conselho aos mais novos é que analisem primeiro, sintetizem depois.

Quando fui aqui professor, podem atestar alguns dos presentes, fui-o durante 18 anos e meio, em diferentes matérias, tinha muito o costume das sínteses: as gramáticas Portuguesa, Inglesa, Latina em uma folha: os métodos de música e harmonio em 2 escalas...!

Os alunos não se entusiasmavam com essas sínteses.

Aprendi pela experiência que o espírito humano é essencialmente analítico, impor-lhe sínteses é como quem o obriga a acreditar em um dogma invisível.

Quando em Africa tive de leccionar a História da Filosofia durante 12 anos e pude analisar o pensamento de todos os filósofos que figuram nos livros de história, concluí que até então não sabia o que era a filosofia, tinha sínteses mas erradas porque lhes faltara a análise.

Hoje estamos muito mais documentados que outrora: além dos 13 volumes de Notes et Documents com seus suplementos, a monumental obra de Seixas.

Sobre a província temos a História da Província de Torres Neiva, obra que todo o habitante da Província devia conhecer. Tenho porém vindo a pedir que os Documents, e faço o mesmo para a História da Província, se ponham em CD porque deste modo o acesso se torna individual, de muito melhor acesso que morder o pó das bibliotecas onde esses documentos amarelecidos pelo tempo e ruídos pela traça se encontram.

Os nossos Universitários de hoje podem tomar como tema das suas teses, aspectos de Libermann ou sua obra como fez o Frederic Rossignol...!

Os muitos países onde hoje está a Congregação são a prova de que Libermann continua vivo e a operar.

A Província Portuguesa é uma jóia preciosa na sua coroa.

Pensei em vez de me referir a Libermann evocar o fundador da Província Portuguesa, o que não desagradaria a Libermann pois «quem meu filho beija minha boca adoça».

José Gebbard Eigenmann oriundo de um país ainda mais pequeno que o nosso, a Suíça, mas de grande espírito realizador, foi o verdadeiro fundador da Província, segundo ouvi muitas vezes da boca do confrade desse tempo o P. Fonsequina e é confirmado por Torres Neiva. Deu à Província uma estrutura ideal que se fosse imitada em todas as demais Províncias e não posta de parte na nossa: a dupla dimensão colégio/seminário, talvez hoje não tivéssemos crise vocacional.

Poderia também tomar para tema a evocação de Duparquet, esse bandeirante que fez o reconhecimento de toda a Africa e foi o primeiro a salientar a importância de Portugal para a obra de Libermann.

Antunes, não só o fundador da Huila mas a bem dizer das missões de Angola.

D. Moisés Alves de Pinho, restaurador da Província e

Missões de Angola.

Como me cingi à recordação da celebração de Libermann no passado, ficam estoutros temas para os anos seguintes...!

Vou terminar reproduzindo outro número celebrativo, um quadro vivo da morte de Libermann, não posso precisar a data mas devia ser mais tarde que o período 36-40 supra indicado, talvez nos anos em que foi director o P. Antunes, nesse tempo estavam muito em voga os quadros vivos.

No palco estava Libermann reclinado no leito segundo o croqui de Msgr De Ségur.

Vavas seur e Schwindenhamer a lutar cada um empurrando para o outro a sucessão.

Aparece um anjo todo revestido de luz que diz: tu Inácio és o sucessor...!

Fervor, pronuncia o moribundo: aparece outro anjo com um turíbulo com brasas vivas, o fumo e odor do incenso a perfumar o ambiente.

Sacrifício: aparece outro anjo com um crucifixo.

Caridade: um anjo feminino com o mapa da Guiné na mão.

Sacrificai-vos por Jesus, com Jesus, só por Jesus.

À cabeça do moribundo aparecem Jesus, Maria mostrando o Coração e S José mostrando o lírio.

Ouve-se um tanto ao longe o canto do Magnificat, como se viesse da capela.

Desce do tecto uma figura de pomba, o Espírito Santo.

Quando se ouviram as palavras «et exaltavit humiles», Jesus estende os braços para o receber. Expirou.

Vavas seur aproxima-se para o beijar e lhe fechar os olhos.

Ao debruçar-se sobre ele a cama desequilibra-se e o morto em vez de cair morto desamparado no chão, preferiu saltar do leito cheio de vida...!

Como ninguém contava com esta, tal não contava do programa.

O ponto que estava entre os bastidores, movido por uma inspiração súbita, manda cair o pano, vai à ribalta e grita: ressuscitou, ressuscitou, alleluia, alleluia, palmas, muitas palmas...!

E a cena tão emocionante da morte terminou em hilaridade geral!

Tenho dito.